

1. RETÉM ETERNA A VIDA

*EU SOU O
CAMINHO, A*

Lustral face o(r)val(h)ada
de puro amor a(r)mada.

VERDADE

Labareda ancestral
purificou-te o lábio
no hálito inicial.

E A VIDA

Na longa pátria antiga
incendiada ao Sol,
entre oásis de palmas
e azulados montes,
te espera sem revolta
o cálice da morte.

Teus passos de silêncio
deixaram fortes marcas
na superfície líquida
sem vela, leme ou barco
de uma a outra vida.

Da alumiosa Mão
traspasada e cindida,
vinho e pão sem fermento
consubstanciados
na Mística Trindade
dentre o vão do Sacrário.

FOI CRUCI-
FICADO

(O primeiro holocausto
foi isento de sangue!)

MORTO E
SEPULTADO

Depois, o corpo exangue
aéreo e mutilado;
depois, símbolos vivos,
dormidas trevas, gêlo
e o mêdo de perdê-Lo:

— Meu Deus! Meu Deus! Quem é
que clama no deserto?

Coágulos no peito
teu pobre peito aberto,
úmido peito: água
na carne nua e amarga.

E RESSURGIU
DOS MORTOS

Imóvel luz votiva
de insensato amor te
retém eterna a Vida.

2. ETERNO

A César Leal

Símbolo vivo
vence demônios
tira do sono
temidos sonhos.

Acende lâmpadas
com sal e água,
sem fogo, vela,
pavio e nada.

Reabre túmulos
alvos, floridos,
devolve à vida
mortos queridos.

Cavalga pássaros
em temporais
subindo ao vento
— Mais alto! Mais!

Sonha com a lua,
sorri. Desperto,
chora e o pranto
rega o deserto.

Entre piratas
em alto mar
de espada em punho
fá-los recuar.

Aos abissais
no chão do mar
vence-os sorrindo
sempre a nadar.

Em Creta antiga
ama Ariadne
e ao Minotauro
transforma em pagem.

Nu, nas montanhas
bebe água pura,
come silvestres
pinhas maduras.

Exige ao vento
novas roupagens
e parte em busca
de outras paragens.

Sobrevoa os Alpes,
sobe o Everest,
abençoa o Lama
sôbre o Tibet.

Vai até o Cosmo
só, e a aeronave
desfaz-se em cinzas
meio à viagem.

Pousa no Sol
planta uma árvore
que produz grãos
de trigo e vagens.

Mata o Centauro
tornado em símbolo,
toma-lhe o arco,
cabelos, signo.

De Escorpião
tira o veneno.
Cavalga Touro
e dá-lhe feno.

A Aquário, vinho.
A Áries, que o irrita
tosá-lhe a lã
com lazulita.

A Caranguejo
amarra as patas
e à linda Virgem
que acha graça

Casa-a com Gêmeos.
Como presente
dá-lhes Leão
por todo o sempre.

Pesa em Balança
Peixes, em postas
feitos no ácido
sumo de rosas.

A Capricórnio
que é signo anfíbio
funde-o no Sol
após um atrito.

Vôa a Saturno
furta os anéis
devolve-os depois
faltando dez.

Abre as comportas
do Universo
treme de medo
foge do verso,

Indo até Marte
para os canais
e cai nas mãos
de canibais,

Que o matam. Sangue
sulca o planêta
tingindo-o todo
com a côr vermelha.

O corpo inerte
transmuda em rio;
a voz invade
o dia vazio.

As trevas velam
o corpo líquido;
soluçam monstros
nos precipícios.

Os pesadêlos
riem felizes;
na Terra as árvores
matam raízes

com tantas lágrimas
tão derramadas.
As aves partem
em revoada

em busca dêle
que habita em Marte
perene, vivo,
na outra margem.

3. ALFA-CENTAURO

A paisagem acrílica
de Alta-Centauro
evolui metálica
ante nossos olhos.

Antiformas bélicas
de aeronaves mudas
(a mudez da pedra
gritante de um Buda).

Antiformas líricas
de aeronaves puras
(a pureza fria
de alvas estruturas).

Antiformas térmicas
de aeronaves límpidas
(contra um céu de chumbo
destacam-se nítidas).

Na planície densa
de gases acesos
do completo caos
surge um ser coeso.

É um ser sem alma
de face mecânica
(produto arrancado
à energia atômica).

Manoplas de aço
inoxidável;
a cabeça e o tórax
eletronizados;

Mil computadores
de urânio e cobalto
testam a resistência
do ser automático.

E monstros em série
(pois tal ser mecânico
é, em verdade, um monstro)
brotam do outono.

Outono sem árvores
ou fôlhas caídas
ao sôpro do vento
pelas avenidas.

Outono sem chuvas,
sem sol, sem ocaso,
sem fruta madura
com sabor de acaso.

Outono só fim
túmulo do verde
das côres da vida
em todo planêta.

E das astronaves
os sêres sintéticos
alçam vôo clássico
com destino bélico.

Indo, céu a dentro,
para a Terra — lívida,
descarnada, trêmula,
semi-apocalíptica.

4. NAVE

Buscando o fim do Universo
partiu a nau supersônica
forte nave de metal
movida à energia atômica.

Grande nave inconformada
da época espacial
em mil detalhes testada
partiu, e nenhum sinal

deixou, nos confins do mundo
da procura entre as estrêlas,
na Via Láctea, planêtas,
civilizações inteiras.

Nebulosas e asteróides
com estranhas formas de vida,
imensos desertos áridos,
aves de asas partidas.

Frágeis sêres vegetais
côr da verde clorofila
em perene fotossíntese
silenciosos, tranquilos.

Nos planêtas submersos
eternamente na água
brotada além do arco-íris
sem uma única vaga

Fluidos sêres submarinos
homens-peixes e sereias
com a maldição da máquina
e insuperável tristeza.

Mil mundos de fogo líquido
e rubra lava fervente
altíssimas atmosferas
planêtas incandescentes.

A mais longínqua galáxia
de anos-luz de distância
que jamais serão contados
não interrompeu a andança

da forte nau supersônica
corpo esbelto e maciço
sólidamente firmada
em seu rumo ao infinito.

5. HORÓSCOPO

Animais-signos
encadeados,
pelos demônios
ao Sol atados.

Doze, ligados
entre si, místicos,
percorrem rápido
todo o zodíaco.

Como os planêtas
de massa cósmica
os animais
perfazem órbita

de forma elítica
no infinito
e marcam o tempo:
são os doze signos.

6. CAPRICÓRNIO

A Ariano Suassuna

A grande cabra marinha
das zodiacais regiões
alimenta-se de estrêlas
desfaz as constelações.

Em suas andanças noturnas
percorre o Cosmo sem-fim,
e sob o frio Saturno
torna-se em gêlo-marfim.

E sob o calor de Apolo
que fêz do Sol sua morada
a cabra do mar degela
e despe a pele prateada

Suspensa sôbre o Oceano
com o lúcido corpo anfíbio
a grande cabra mergulha
no Universo marítimo.

Mas a terra firme vela
pelo animal de Saturno:
retira-o do meio do mar
e guarda-o no seio escuro.

Com a cabeça caprina
e corpo de aquonauta
o animal se liberta
galga as montanhas mais altas.

Depois, regressa ao zodíaco
sob a seta do luar
formando várias conjunções
no inifinito solar.

E sua influência anfíbia
se faz sentir poderosa
sôbre os que nascem na hora
das conjunções misteriosas.

7. MENSAGEM

Através das escotilhas
abertas na noite acesa
a inesquecível beleza
da estranha maravilha:

Flôres-de-lótus azuis,
um longo têrço de sóis,
ave-marias ao sul,
e ao norte, formando a cruz

As letras iniciais
do nome não pronunciado
com reflexos tomados
à chama dos temporais,

que ampliam o infinito
qual misteriosa mensagem
de incentivo à viagem
do espaçonauta místico.

8. PARÁBOLA

A Maristela Alves de Oliveira

Incandescentes nuvens
de ferro em brasa acesas
no céu sempre poente
sem noite e sem manhã

protegem os caminhos
da longa terra origem
suspensa em frio sono
de mística estação.

As flôres, tôdas mortas,
sem côr e sem perfume,
soluçam inùtilmente
no limbo vegetal.

Caminham enfileirados
nas brancas avenidas
tristonhos cajueiros
de ouro desnudados.

Os rios silenciosos
e as fontes sem murmúrio
debruçam-se nas pedras
e fluem ao vazio.

O vento, de inconsútil
roupagem cinza envolto
arrasta-se vencido
no corredor do espaço.

E o céu, sempre poente
sem noite e sem manhã
não sabe mais o brilho
nascente do luar.

9. TRAVESSIA

Muito além do planêta azul
e seu satélite cinzento,
além das vagas e dos sons,
e da distância, e do tempo;

Além do espaço em que o Sol
perfaz seus mil movimentos,
onde está a cabra marinha
com o lúcido corpo suspenso;

Muito além do verde planêta
e sua acrílica paisagem,
com os sêres mecânicos indo
em bélica e longa viagem;

Além da ilha equilibrada
na foz da vida, no horizonte,
que, sob o signo dos contrastes
é da água e do fogo equidistante;

E muito além do próprio Deus
cuja voz transmudou em hinos
as dôres da vida e do mundo
contemplo o silêncio, sòzinho,

em minha nave destinada
a um ponto qualquer do Universo
onde um cisne interrompe seu canto
e adormece ao som do meu verso.

10. CANÇÃO

I

Eu canto a superfície
de transparência lunar
das águas em que vivi
antes de nascer mulher.

O mar em que imergi
de face semi-fetal
alva pele submarina
frágeis ombros de cristal.

O raio que me selou
forte como o vendaval
arrepiando o verdor
do solo-canavial.

II

Eu canto a cósmica roda
da humanidade — vida
de mundos mortos fugindo
e de redomas partidas.

O fogo que se recusa
dar o seu núcleo sem vida
a dor, em que se transmuda
a viva alma sofrida.

A morte, que acolhe a dor
no vago seio sombrio
e constante como o amor
prende-a no limbo frio.

11. TEOREMA

A Marcus Accioly

I

Sem luz, em sombras,
sem claro, escuro,
deixei-me ao lado
do alto muro

Do glauco mundo
irradiante
da água e do fogo
equidistante

Mundo em contrastes
alicerçado
na foz da vida
equilibrado

Na foz da vida,
no horizonte,
deixei-me calma
expectante:

II

Um incansável
pêndulo marca
em dança lenta
que o tempo passa.

Metais retinem
lançam fagulhas
aos céus, de fogo
finas agulhas.

Tôrres de Pisa
florescem firmes
na plúmbea lua
criam raízes.

Anjos, demônios,
dançam ciranda;
o Taj Mahal
decora Alhambra.

Velhas ruínas
de antigos dias
desfiam inúteis
ave-marias.

Rochas revelam
vozes de pássaro
prêsos à terra
com o verde ásaro.

III

Do mar à terra
sobem sereias;
constroem tendas
sôbre as areias.

Sobem sereias
do mar às ilhas
cansam-se e geram
filhos e filhas.

Sereias descem
até o inferno
em temporada
por todo o inverno.

Sereias vestem
saias de renda
extenuadas
de serem lenda.

IV

Do fogo rubro
ao anil pálido;
do lápis-lázuli
não-lapidado,

Ao duro ferro
aço tornado,
(gume de faca
inquebrantado);

Da flôr brotada
no frio orvalho
à despertada
no rude malho;

Do arco-íris
descendo ao mar
dêle nascido
sem recordar,

Até Vulcano
no lar fervente
unido às forjas
eternamente;

Do alto Cáucaso
que Prometeu
maldiz por ter
nascido deus,

Ao canto puro
do mar, que quebra
suas carícias
na dura pedra.

V

Pintei o vento
antes sem côr
com verdes tintas
(que eu sou pintor).

Vermelho e verde
e azultramar
pintei o canto
do sabiá.

VI

Mundo em contrastes
alicerçado
na foz da vida
equilibrado.

Estranha terra
desconhecida,
hoje entrevista
logo perdida;

Mundo sem-fim,
ilimitado,
com mares, rios,
não-navegados;

Terra pagã,
magra e pequena,
(indemonstrável
tal teorema).

12. RETRATO

Mulher pintada
de pé, contra a brancura
titânica do tempo.

De pele cromática
e virgosensorial, qual
enseada — onde desejos
aportam e adormecem.

Formada em claro-escuro
(regiões sombrias em que
os tons se entrelaçam)
e em rosa láteo
mesclado à terra siena
da penugem capilar.

Ossos pressentidos
na côr indefinível
da leve epiderme
tridimensional.

Mulher sem lágrimas
no olhar verdesmeralda
(prodígio de vida nascida
de mil e uma pinceladas)

A sorrir, parada,
imersa na eternidade
presente. Cromática
e cósmica e virgosensorial.

13. PÁSCOA

É água limpa
com sangue e neve
do cosmo-veio
imemorial,

Brotada branca,
azul e verde,
em tôda faixa
da luz solar.

Água nascida
do homem-dia
deitado a fio
na terra larga.

É água-seiva
que mata a sêde
da flôr-menina
desabrochada.

Água polar
que vai crescendo
do céu à terra
do rio ao mar.

14. ÁRVORE

A árvore-mãe
em seus colóquios
fala de ventos
marincorpóreos.

Cantos de chuva
lavando o rio
que sobe a rocha
de Ser vazio.

Caule entranhado
de rijo cerne
prêso às raízes
na gleba fértil.

De fortes ramos
fruta madura
vida brotando
da terra escura.

Células ósseas
fase em crescente
magro esquelêto
dentre a semente.

Da flôr nascida
côr purpurina
com frágil líber
seiva e resina.

15. MAR

A águazul
canta nos búzios
cresce nas praias
do lagamar.

A Irismar Iza de Lira

Escamas rubras
em conchas brancas
de brancas pérolas
de água e sal.

Algas, sargaços,
estrêlas, polvos,
flutuam fixos
às ilhas vagas.

Atóis vazios
circularformes
(renda coral
na verde onda).

A Janaína
brinca e mergulha
com o peixe-luz
na preamar.

16. PRAIA

A José Rodrigues de Paiva

A praia longa e macia
tinha delírios ao sol
quando as ondas lhe traziam
corpos de aço e de sal.

Retorcidas estruturas,
jovens sêres destroçados,
situados no além tempo
na mesma noite encontrados.

Olhos selados com o sôpro
do vento sêco e igual
quase lâmina formado
de invisível metal.

17. ANTROPOFAGIA

Tua lúcida face marmolhada
de lábio — rubra flôr salsa e suave
à palidez lunar, luz fria e baça
em noite solitária, morna e grave,

adquiriu fluorescência mágica
com o cintilar dos mil cristais salgados
(fosfórica face, rútila e fantástica)
ao fundir-se em mim, naufrago atirado

pelas marolas à praia esquecida
de vasta ilha, pétrea e perolada;
teu belo rosto, ensombrecido, láctico,

já não sorri com os dentes prateados
por entre os lábios — biflor mortamada
salsa e irreal. Eu te exauri a vida.

18. ESPECTRO

Pálido e noturno corpo
nas águas turvas do pôrto,
de dentes de areia e cal
lábios cerrados de sal,

Verdes cabelos de musgo,
ossos descarnados, longos,
cavas órbitas vazias,
fronte alva, magra e fria.

Envolvido na mortalha
dos sons líquidos de um búzio,
flutuante à beira-rio

com mil presságios e vagos
sinistros, fúnebres cantos
úmidos de sangue e pranto.

19. ENTRE VISÕES PARTIDAS

À luz do meio-dia
na acesa atmosfera
a última quimera
na minha mão ardia.

Um brando ardor suave
que logo se apagou;
um vago ardor de mágoa
qual um soluço grave.

Com o tempo, alçou seu vôo
ao neutro horizonte
buscando um nôvo pouso

além de nossas vidas
que se tocaram antes
entre visões partidas.

20. TEM A LUCIDEZ DO QUE É VIVO

A Luiz Maria Tenório de Albuquerque

Dorme, meigo irmão, dentro da sombra,
neutra, indivisível, silenciosa,
e úmida do pranto que choramos
quando, com a pálida senhora

seguiste em teu rumo irreversível,
sem florestas, sóis, luzes ou enganos
sòmente sombras. Tua espêssa alma
ora experimenta sono e calma

o que a nós tristemente é negado
assim como os sinos do teu riso
límpido. Teu rosto, no passado

tem a lucidez do que é vivo
e tua rigidez de morto exato
eu a sinto ainda no meu tato.

21. RURAL

Nas asas curvas
do catavento
com voz de pássaro
soluça o vento.

Aos céus erguidos
como estandarte
um cajueiro
enfeita a tarde.

Nas águas límpidas
— frio regato —
quais caravelas
navegam patos.

22. BONZO

A labareda
te abrasa o rosto:
ardente flôr
rubra de fogo.

De tua pupila
com imensa mágoa
em vez de pranto
goteja lava.

Lastra o incêndio
que te devora
dentro as entranhas;

No olhar o mêdo
da última hora
te é coisa estranha.

23. GATO

Verde-negra mata
meio a fôlha e fruto
sob alvor da lua
dança gato em cio

de olhar aceso
em azul e brasa
quase gênio vivo
dentre pêlo e sangue,

alviforme, leve,
a bailar insone
seu cantar se esvai
em lamentos-mios.

24. GALOPADA

O galope vem de longe
antes da curva da estrada
(é um som harmonioso
o das patas dos cavalos
pisando a poeira dourada)

A cavalgada aparece
quando o sol do dia claro
chega a pino, e enlouquece
sob seus raios de fogo.
Cavalos brancos de sela

de arerios prateados
cavalgados por donzelas
com armaduras de aço.
Seus destinos: fim-do-mundo,
Seus caminhos: as ESTRÊLAS.

Cruza o dia de céu claro
a luzente cavalgada
que vai passando veloz
o corpo lanhado em luz.

Vem a noite, o sol se foi
só a lua está a pino
que a cavalgada passou
e tôda poeira do mundo
em seu galope levou.

25. TRILOGIA

Do tempo à procura,
em mundo invisível,
a nave exaurida.

Em seu bôjo, a vida
se estende suspensa,
muda e inaudível.

Plácido o tormento
na face escondida
do nauta do tempo,

entre sóis disperso
na cúpula gótica
de bruma e de verso;

entre ardentes gôtas
de lava incendida;

entre sal e mar
e pranto e saliva.

II

E os fusos horários?
— Feridos de morte
variam, na terra
ao sabor da sorte.

A rosa-dos-ventos?
— Redespetalada
não aponta mais sul
mais norte e mais nada.

A bússola aérea?
— Ó ser imantado
de perdidas eras!

O exato astrolábio
marcador de astros?
— Situa no polo
o cruzeiro do sul.

E a cabra marinha?
— Nos pastos da ilha
devora o azul.

III

A lágrima prêsa
na incessante espera;
a mão embebida
de rendas e bilros,

bordados de espuma
nas saias, e guizos
de ouro e de prata
ao vento, nas portas.

Sol a alumiar
— dourada candeia —
o corpo do mar
e a extensão da areia.

Na líquida pele
a luz penetrada.
Os olhos: vitrine
de sua alma alada

E a lágrima prêsa
na incessante espera
sôbre a pele, acesa.

26. FACE AMADA

Era a FACE AMADA. A amargura
entretecera espinhos e arame
em tórno da fronte assinalada
e álamos cindiram-se em mil ramos.

Signos diluíram-se no éter
em gôtas de lava. Longe, em Patmos
era noite: o fogo de Sant'Elmo
rompia a treva em intervalos raros.

Ciclones varreram as praias calvas,
sismógrafos oscilaram lívidos,
que o Eixo da Terra vacilava;

O ódio adormecera nas entranhas
de Pandora, e o inquieto Espírito
nos recessos do Éden se ocultara.

27. SONETO EM METRO DISSOLUTO

A Jorge de Lima

O cavalo-dragão, sonho tecido
nas entranhas da Ilha — outro hemisfério
de sumos maduros e sol nascido
musical, sob o ritmo de saltérios;

O intencional pastor adolescente,
da inocência perdida amortalhado
boiando no Mar Morto, e o semblante
em Sodoma e Gomorra aprisionado;

A doce mulher na treva obscura
Eurídice, a musa mais espêssa
que é do Amor objeto de procura;

E Orfeu o da lira suspensa, do canto-
chão da vida interrompido e da prece
que dissolveu a Sombra em tom de pranto.

28. ANTE-PRESENÇA

Da face de sombra
a cinza dispersa
sob álgido líquido
em meio à penumbra.

Ausência entranhada
nos muros, marcando
no teto do tempo
o eixo do nada.

O hábito flui e
transcende a neblina
que é pranto dos deuses,

e os ombros inertes
suportam colinas
cálidas, terrestres.

29. PAISAGEM DO NILO

Mil olhos cresceram como rios
e encheram cidades; a enxurrada
afogou papiros, peixes. Garças mortas
são n'água.

Calcamos silêncios e matinas
num longo desgaste. Hieróglifos
brotaram das esfinges, onde retinas
são lótus.

Hipocampos, monstros do dilúvio
(a alucinação configurada).
Teus cabelos são pontes sôbre os rios:
és pátria.

30. TÉRMINUS

Átrios e colunatas,
patamares de pedra,

- O Sacrário é vazio
o orbe é pó e deserto.
- Anjo de ácidas asas
e vôo interrompido,
o teu Rei está morto
na Cruz: ei-LO vencido.

Três décadas de vida
mais três anos. Da Chaga
a rosa brotou líquida
que o sangue se esgotara.

Trovões soaram vozes
na treva radioativa
(paisagem alucinada
mórbida perspectiva).

Apologia da morte
na Cruz, a mais absurda:

- Anjo Hierático, leva-o
ao repouso-sepulcro.